

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

FLAVIA CAVALCANTE TAVARES

**BALANÇO DO COQUEIRO: A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DO
PROTAGONISMO E PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO**

EUSÉBIO – CE

JUNHO DE 2020

FLAVIA CAVALCANTE TAVARES

**BALANÇO DO COQUEIRO: A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DO
PROTAGONISMO E PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Azevedo
Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza e
ANEPS/Ceará

EUSÉBIO – CE
JUNHO DE 2020

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Escritório Técnico Fiocruz Ceará
Biblioteca Fiocruz Ceará
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T231b Tavares, Flavia Cavalcante.
Balço do Coqueiro: A Contribuição da Arte na
Construção do Protagonismo e Permanência de Jovens no
Campo. / Flavia Cavalcante Tavares. – 2020.
47 f. : il. : color.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia de Azevedo
Dantas.

TCC (Especialização em Educação Popular e
Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o
Semiárido) – Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

1. Arte. 2. Educação Popular. 3. Agroecologia.
4. Juventudes. I. Título.

CDD – 362.1068

Catálogo elaborado pela bibliotecária Camila Victor Vitorino Holanda CRB-3 1126

FLAVIA CAVALCANTE TAVARES

BALANÇO DO COQUEIRO: A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DO
PROTAGONISMO E PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz-CE como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Azevedo Dantas (Presidenta/Orientadora)
Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza e ANEPS

Prof^a. Dr^a. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo - UFC

Ma. Giselda Maria de Castro Lima - CEDECA/Ceará

Ray Lima (Raimundo Felix de Lima) – Cenopoeta

Data da Aprovação: 12 de junho de 2020

EUSÉBIO-CE

AGRADECIMENTOS

Aos seres encantados.

Aos meus familiares - minha mãe, Luzia, minhas irmãs, Germana e Jeanne, meus sobrinhos, Kauã e Abner, por acreditarem e me impulsionarem a percorrer novos caminhos, e a toda a minha ancestralidade que pulsa no corpo.

Mateus Tremembé, pela força ancestral e espiritualidade compartilhada no dia a dia.

À minha professora e orientadora, a grande bruxa de todas as deusas, atriz, cuidadora, Vera Lúcia Azevedo Dantas ou simplesmente Verinha, por compartilhar amor, afeto, cuidado, desafios, conhecimentos e aprendizagens.

Ao CETRA e amigos/as – companheiros/as de trabalho pela contribuição singular de incentivo a pesquisa.

Aos jovens do grupo Balanço do Coqueiro pela afetividade de cada encontro, pela tessitura dos laços de amizade, por toda dedicação e solidariedade em aprender, criar e compartilhar saberes.

Aos/às educandos/as do Curso de Especialização por compartilhar cuidados, alegrias, amorosidade, problematizações, potências, arte, criação e solidariedade.

Aos/às educadores/as e colaboradores/as que teceram mundos possíveis, sonhos e resistências – Ray, Gigi, Ana Cláudia, Ivanilde, Verinha, Vera, Leandro, Neila e tantos que vou me esquecer, mas que estão guardados no canto sagrado do coração.

Aos movimentos sociais pela resistência e bravura em apoiar a finalização desta formação.

À Fiocruz Ceará, ANEPS e RESSADH pelo encontro e oportunidade dos ensinamentos adquiridos em prol de um mundo mais justo, livre e igualitário.

Gratidão.

Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.

KRENAK, 2019, p. 27

RESUMO

Este estudo é um diálogo da Arte com a Educação Popular para a Convivência com o Semiárido, partindo da sistematização de experiências realizada com os/as jovens do grupo Balanço do Coqueiro, do Assentamento Maceió – Itapipoca - Ceará, que surge do processo metodológico do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz - CE. A sistematização da experiência gerou um produto teatral: “*O meu coco é a cor da minha gente*”, no qual foram incluídos saberes dos atores e atrizes locais, as problematizações debatidas coletivamente e suas reflexões de fundo, expressas por meio do teatro, da música, da poesia, da dança e da simbologia plástica e estética das juventudes e suas identidades com o meio rural. As reflexões de fundo proporcionaram outros questionamentos aprofundados pela educanda, a qual observando as potências criativas dos/as jovens implicados/as. A pesquisa debruçou-se em 4 temas que guiaram as reflexões: Participação das Juventudes nos Movimentos Sociais; Juventudes e Relações de Gênero; Juventudes e Agroecologia; e A arte como potência criadora de novos mundos. Desse modo, esse estudo se propõe a compreender como a arte contribui para o protagonismo e permanência no campo da juventude rural do Grupo de Cultura e Arte *Balanço do Coqueiro*, buscando: refletir como a arte se insere no cotidiano do grupo; identificar invenções criativas da organização comunitária de jovens no meio rural; identificar estratégias da juventude rural para a Convivência com o Semiárido e a permanência no campo; refletir sobre a importância das expressões artísticas no protagonismo e afirmação identitária do grupo *Balanço do Coqueiro*. Os pontos de chegadas e conclusões revelou a importância do protagonismo da juventude e o fortalecimento da identidade com o campo, evidenciou a produção agroecológica da juventude para a Convivência com o Semiárido, e a arte como potência criativa e criadora de novas ideias e mundos, que possibilita os/as jovens a permanecerem no campo e serem sujeitos de suas histórias.

Palavras-chaves: Arte, Educação Popular, Agroecologia, Juventudes.

RESUMEN

El presente estudio, puede entenderse como un diálogo del Arte con la Educación Popular para la Convivencia con el Semiárido. Parte del proceso de sistematización de experiencias llevado a cabo con los y las jóvenes del grupo “*Balanço do Coqueiro*”, conformado dentro del Asentamiento Rural “Maceió–Itapipoca-Ceará”. El grupo “*Balanço do Coqueiro*” surgió dentro del proceso metodológico del Curso de Especialización en Educación Popular y Promoción de Territorios Saludables en Convivencia con el Semiárido, de la Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz - Ceará. La sistematización de la experiencia permitió la generación de un producto teatral que recibió el nombre de: “*O meu coco é a cor da minha gente*”. En el proceso de construcción de este producto, se buscó incluir los saberes de los actores y las actrices locales, así como las problematizaciones que fueron debatidas colectivamente y las respectivas reflexiones a ellas asociadas, las cuales se manifestaron y expresaron por medio del teatro, la música, la poesía, la danza y la simbología plástica y estética de los y las jóvenes y sus identidades vinculadas con el medio rural. Las reflexiones de fondo proporcionaron otros cuestionamientos que fueron profundizados por la investigadora, mediante la observación de las potencias creativas de las y los jóvenes implicados/as. La investigación discurrió sobre cuatro temas principales que guiaron las reflexiones: Participación de las y los Jóvenes en los Movimientos Sociales; Juventudes y Relaciones de Género; Juventudes y Agroecología; y el arte como potencia creadora de nuevos mundos. De esta manera, el presente estudio apunta a la comprensión de la forma en que el arte contribuye al protagonismo y permanencia en el campo de la juventud rural, en particular, del Grupo de Cultura y Arte “*Balanço do Coqueiro*”, buscando especialmente: reflexionar sobre la forma en la que el arte se instaura en la cotidianidad del grupo; identificar invenciones creativas de la organización comunitaria de jóvenes en el medio rural; identificar estrategias de la juventud rural para la Convivencia con el Semiárido y su permanencia en el campo; reflexionar sobre la importancia de las expresiones artísticas en el protagonismo y la afirmación identitaria del grupo “*Balanço do Coqueiro*”. Los puntos de llegada y las conclusiones del trabajo, revelaron la importancia del protagonismo de la juventud y el fortalecimiento de la identidad con el campo, de igual forma se pudo evidenciar la

importancia de la producción agroecológica de la juventud para la Convivencia con el Semiárido, y el arte como potencia creativa y creadora de nuevas ideas y mundos, que ofrece a los y las jóvenes la posibilidad de permanecer en el campo y convertirse en sujetos de sus propias historias.

Palabras clave: arte, educación popular, agroecología, juventud.

LISTA DE SIGLAS

ANA - Articulação Nacional de Agroecologia

ANEPS - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde

ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro

ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural

CETRA - Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador

ENA - Encontro Nacional de Agroecologia

FCVSA - Fórum Cearense pela Vida no Semiárido

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

INCRA - CE - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará

MMTR-NE - Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste

PACRA - Projeto de Arte e Cultura na Reforma Agrária

PDA - Plano de Desenvolvimento do Assentamento

PNEPS-SUS - Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde

P1MC - Programa Um Milhão de Cisternas

P1+2 - Programa Uma Terra Duas Águas

RESSADH - Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos

SUS – Sistema Único de Saúde

SIGLA DE FIGURAS

Figura 01: Imagem do Reisado do <i>Grupo de Teatro Garajal</i> em dia de Santos Reis - Maracanaú – Ceará	17
Figura 02 – Imagem de satélite da comunidade Sítio Coqueiro - Assentamento Maceió - Itapipoca – Ceará - Brasil. Trilha da agrobiodiversidade construída no processo de sistematização e intervenção com os/as jovens do grupo <i>Balanço do Coqueiro</i> no Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.....	20
Figura 03 – Memória visual da oficina de Cartografia Social na comunidade Sítio Coqueiro – Itapipoca – Ceará.....	24
Figura 04 – Imagem da memória visual do planejamento participativo e <i>recuperação do vivido</i> com jovens - Assentamento Maceió – Itapipoca – Ceará.....	26
Figura 05: Imagem da apresentação da sistematização da experiência do grupo <i>Balanço do Coqueiro</i> , no Centro de Eventos – Fortaleza – Ceará.....	31
Figura 06: Imagem da apresentação “Flor no Meu Quintal” do grupo <i>Balanço do Coqueiro</i> , no lançamento do documentário “Terra de Nazaré” na comunidade Apiques-Assentamento Maceió – Itapipoca – Ceará.....	33
Figura 07: Imagem da apresentação da sistematização da experiência no encontro Regional de Educação Popular e de Convivência com o Semiárido em Sobral – Ceará.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	20
3	REFLEXÕES DE FUNDO: Um olhar sensível à sistematização de experiência do grupo Balanço do Coqueiro.....	26
3.1	Participação das Juventudes nos Movimentos Sociais.....	29
3.2	Juventudes e Relações de Gênero.....	32
3.3	Juventudes e Agroecologia	36
3.4	A arte como potência criadora de novos mundos.....	40
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

*“O movimento da poesia é alegria do conviver
O movimento é alegria, da poesia do bem viver”.*
(canção construída na formação presencial do Curso)

Este estudo é fruto de uma trajetória construída junto aos jovens e mulheres rurais do grupo *Balanço do Coqueiro* da comunidade Sítio Coqueiro, no Assentamento Maceió, do município de Itapipoca - Ceará, construído por meio da Assistência Técnica em Extensão Rural (ATER) realizada pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA) e a partir das provocações e reflexões realizadas através do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) Ceará e organizado pela Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde (ANEPS) e pela Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos (RESSADH).

A pesquisa surge do processo metodológico do Curso, através da sistematização de experiência do grupo *Balanço do Coqueiro*, a partir do qual percebendo-se a riqueza das construções participativas e das diversas problematizações, levanta-se uma pergunta geradora: *Em que medida a arte contribui para o protagonismo e permanência de jovens no campo?* Assim, olhando para a sistematização de experiências e as reflexões de fundo realizadas, espera-se apontar caminhos e desafios das juventudes do campo.

As juventudes devem ser observadas para além de um recorte específico na sociedade por conta da sua faixa etária: é preciso olhar para as complexidades das identidades sociais e, sobretudo, como interagem socialmente. Já a Juventude Rural está fortemente ligada ao problema de migração do campo para a cidade, onde vige a ideia de jovens desinteressados pelo rural e com forte interesse de se firmar na cidade: “[...] ficar e sair, está no cerne da compreensão do que é ser *jovem* nesse universo rural, permeando pelo universo urbano, no sentido de sua construção como

categoria em disputa, e as relações forjadas a partir dessas construções” (CASTRO, 2005, p.147).

A imagem de um jovem desinteressado pelo campo invisibiliza a categoria na formação de identidades sociais e por demandas de políticas públicas próprias e contextualizadas. Mas é através dos movimentos sociais que é possível enxergar uma nova juventude rural manifestante, a qual se apresenta longe do isolamento, teima em permanecer no campo, dialoga com o campo e a cidade — e sua identidade é construída como agricultor ou agricultora rural familiar, com forte atuação política, na qual se posicionam na luta pela terra e pelos diversos direitos humanos, como o acesso à cultura e à arte. A juventude rural, contudo, é categoria pouco conhecida e muitas vezes esquecida em debates sobre as juventudes, além das políticas públicas não serem prioritárias para este público no meio rural. Tendo o campo e suas formas de viver estereotipadas, como um “lugar de atraso” e “sem vida digna”, ficar no campo para muitos é um lugar da pobreza, de uma vida sem perspectivas.

No contexto desta sistematização de experiência, no entanto, traçamos a arte como força motriz para construção de novos olhares para o fortalecimento identitário de jovens como estratégias para permanecer no campo — sobretudo a arte em sua dimensão popular que, na sua essência, tem atores e atrizes e os movimentos sociais como protagonistas de ações de transformação social, comprometidos com a realidade, com base na solidariedade, no diálogo e na construção coletiva de saberes criativos, éticos, estéticos e de vida digna.

Ensinar-aprender, na prática, é a experiência como ela é: “total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética, ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (FREIRE, 2000, p. 14). Assim, é perceptível a importância de um sistema da prática de ensinar-aprender, em um lugar em que são necessárias a estética, a boniteza, a suavidade, a dimensão da arte, num processo de comunhão e no emaranhado do cotidiano de cada jovem ator e atriz.

Paulo Freire (2000) fala do reconhecimento e da assunção da identidade cultural; chama a atenção e nos convida a olhar que na prática educativo-crítica ensaia-se uma experiência profunda de assumir-se, assumir ser, como um ser histórico e social, ser pensante, comunicativo, ativista, criador, sonhador, ator e atriz e também capaz de ter raiva e de amar, que contribui nas transformações sociais,

que se contextualiza a partir das experiências absorvidas de maneira inteira, completa. O verbo *assumir* aqui como assunção da identidade cultural é ser sujeito de empoderamento sem excluir ninguém. O saber através da afirmação da identidade dos/as jovens com o meio rural está na contramão do treinamento pragmático ou mesmo do elitista autoritário: o debate passa pela luta pela terra, pelo direito ao acesso à água e pela valorização da cultura e da arte produzidas pelo povo do campo com solidariedade. Ainda Freire (2000, p.25) revela que “(...) não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético”.

Considera-se relevantes as concepções de Educação Popular neste processo que se pauta nas ideias de Paulo Freire, numa reflexão crítica da experiência do grupo *Balanço do Coqueiro*, onde o inacabado, as problematizações e a potência de criação das atrizes e atores do grupo se revelam como construção de novas realidades.

Desse modo, esse estudo se propõe a compreender como a arte contribui para o protagonismo e permanência no campo da juventude rural do Grupo de Cultura e Arte *Balanço do Coqueiro*. De forma mais específica, busca refletir como a arte se insere no cotidiano do grupo de jovens do *Balanço do Coqueiro*, buscando: identificar invenções criativas da organização comunitária no meio rural; identificar estratégias da juventude rural na Convivência com o Semiárido para permanência no campo; refletir sobre a importância das expressões artísticas no protagonismo e afirmação identitária do grupo *Balanço do Coqueiro* — esses são especificamente os objetivos que se desenham nesta pesquisa.

A Educação Popular é o fio condutor de todo o processo de aprofundamento da experiência sistematizada e do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Vivenciamos no espaço e no tempo o compartilhamento de experiências, onde cada educando/a incidiu no processo da aprendizagem, assim como nos revela que Torres quando diz que:

Todos podemos contribuir para educação popular, porque todos temos experiências. Ninguém ensina, ou melhor, não há um mestre tradicional que ensine, pois aprendemos juntos. A gente aprende brincando, fazendo um monte de dinâmicas. Então, a gente se diverte, porque a educação popular também é política (TORRES, 1987, p. 16).

O Curso estimulou a brincadeira, a construir pontes, diálogos, amorosidade, emancipação, problematização, construção compartilhada do conhecimento em Educação Popular, mas também pensando, olhando e dialogando sobre as práticas políticas e pedagógicas das experiências de cada educando ou educanda. Assim, a Educação Popular afirma-se também como política, tendo a participação popular e mobilização de lutas por direitos sociais forjando a organização social.

Desta maneira, o Curso possibilitou olharmos para Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS) e suas práticas, movimentos de educação popular, numa reflexão ativa e afirmando o compromisso com a universalidade, a equidade, a integralidade e a efetiva participação popular no SUS.

Por outro lado, temos a Convivência com o Semiárido e a Agroecologia para pensar nesses *territórios saudáveis*. Com seus princípios baseados na mobilização social e coletiva, buscando *conviver com* e não “combater” a seca, entendendo que a questão socioambiental é dialogada e harmonizada a partir do contexto da região e suas formas de se organizar, produzir e viver, promovendo a vida no território nas dimensões econômica, social, política, cultural, dentre outras. A agroecologia e a Convivência com o Semiárido têm a capacidade de promover sistemas resilientes, diversificando a produção agrícola, mas buscando sempre a defesa de uma sociedade mais justa, livre e igualitária, para o povo do campo, das águas e das florestas.

E é no campo da Convivência no Semiárido e da Agroecologia que finco a minha militância. No ano de 2011, ao integrar a equipe de assessoria técnica do CETRA, este me permitiu o reencontro com o mundo rural, pois como neta de agricultores e agricultoras familiares do Semiárido nordestino, cresci convivendo com o rural como sinônimo de pobreza, porém a leitura crítica associada à vivência e aos debates sobre agricultura familiar, agroecologia, Convivência com o Semiárido realizados na instituição e no Fórum Cearense pela Vida no Semiárido (FCVSA) me possibilitaram a construção de um outro olhar sobre esse lugar. Desde então, temáticas relacionadas à defesa dos territórios indígenas e quilombolas, as juventudes do campo, a reforma agrária, a agroecologia e a Convivência com o Semiárido, a segurança e soberania alimentar e nutricional, a cultura, a educação e a comunicação popular se tornaram áreas de interesse e militância.

As políticas públicas implantadas nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Vana Rousseff (2011-2016) transformaram o Semiárido num espaço de vida. A militância junto à Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) me aproximou dos processos de execução e controle social de políticas públicas, especialmente aquelas direcionadas ao Semiárido e à Agroecologia, com destaque para os programas de acesso à água — Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) e o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) —, nos quais atuei como comunicadora e educadora popular. Assim, também, a inserção nos espaços de debate sobre a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, através da Rede ATER Nordeste de Agroecologia, em defesa de Política Nacional de Agroecologia e produção orgânica possibilitaram o envolvimento direto na gestão e execução de políticas públicas no meio rural.

A aproximação da Educação Popular em Saúde e da Convivência com o Semiárido possibilitou um encontro, um diálogo intenso, entre os militantes da Educação Popular e da Convivência com o Semiárido com seus corpos, canções, gestos e movimentos. Sentimos o *pulsar* de cada experiência, aprendemos constantemente em cada ciranda a girar, em cada palavra de ordem e debates desenvolvidos.

É importante ressaltar a potência da existência e resistência deste Curso, no qual após o segundo momento do Tempo-Escola, houve cortes de recursos do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, fazendo com que as verbas acordadas para sua realização saíssem do orçamento do projeto de governo. A Coordenação do Curso dialogou com educandos e educandas — e cada um do seu lugar de militância e de resistência em seus territórios firmou o compromisso de garantir a continuidade do Curso. Forças foram se juntando: educandos e educandas, coordenadores/as, movimentos sociais da Educação Popular e da Convivência com o Semiárido resistiram na continuidade e finalização do Curso. Aqui registro a potência deste encontro da Educação Popular com a Convivência com o Semiárido: pessoas que acreditam na construção do conhecimento e dos saberes populares e nas transformações com a resistência sem perder a amorosidade.

Nesse movimento poético e de luta, percebemos o quanto foi singular a construção do Curso, no qual todos e todas tornaram-se atores e atrizes do processo, embevecidos pelo afeto e desejo de fazer reais transformações sociais. É assim que me encontro e me vejo neste Curso: somando, como na *Feira do Soma*

Sempre — e aqui conto um pouco do *apurado* deste mergulho profundo, que reverbera em cada canção dançada e sentida.

O grupo *Balanço do Coqueiro* é foco deste estudo, com quem desde 2011 venho contribuindo, dialogando, me inserindo em suas potências criadoras. Reflito sobre a experiência do vivido, nos campos de fala, de corpos, de gestos, de espaço, de movimentos e de lutas, por onde corre ao encontro de minha experiência no mundo, com a arte e a cultura popular, o teatro de rua, no qual me deterei agora.

Em 2003, ainda adolescente, conheci outros 7 jovens companheiros e companheiras que buscavam construir suas próprias histórias, tecidas pela arte, na região metropolitana de Fortaleza, na periferia da cidade de Maracanaú, no Ceará. Jovens condicionados a construir uma única história, a de ser mão de obra barata para fábricas industriais, assim trabalhar e morrer. Esses 7 jovens questionavam o modelo-padrão embutido, em rodas de conversas, para compreender o sistema opressor, para problematizar e pensar novas estratégias de vida. E a arte foi e continua sendo a estratégia encontrada que possibilitou o questionamento dos modos de vida da periferia maracanauense — e assim construir novas vidas, outros mundos, outras existências.

Desta maneira, nasce o *Grupo de Teatro Garajal*, erguido por jovens, construindo diálogos com a comunidade e seu entorno, na perspectiva da arte popular, diversa e livre, fazendo da arte de rua o palco necessário para as transformações sociais, jovens sendo geradores de suas próprias histórias, de seus corpos, fala e espaço— é nesse ponto que a Educação Popular é inserida no meu processo enquanto artista e militante dos direitos humanos. Educação Popular e arte popular fundidas em sua essência por verdadeiras transformações individuais e coletivas.

Figura 01: Imagem do Reisado do *Grupo de Teatro Garajal* em dia de Santos Reis - Maracanaú - Ceará



Fonte: Arquivo do Grupo Garajal (2016)

A linguagem do teatro de rua é grande trunfo para essas transformações, emaranhados pelo conhecimento de saberes e das culturas populares. Nesse sentido, cito alguns mestres, como Mario Jorge Maninho, Ray Lima, Junio Santos, Augusto Bonequeiro, Pedro Boca Rica, Palhaço Pimenta, Mestres de Reisados, de Maracatu, de Bumba meu Boi e de Pastoril, que deram corpo e voz para as potências criadoras de jovens, mergulhados pelo desejo de *Sonhação* de Ray Lima:

Que tal poetas eruditos e populares em sonhação irmanados? Poetas territoriais do cotidiano, transformável e transformador, universalizando os sentidos da existência de cada bairro, de cada pedaço de chão vivo? Poetas que, integrando leveza e arte e canção, se recarregam no seio utópico da revolução que ainda não veio? (BRASIL, 2013, p.119.)

O Garajal é “sonhação”, nosso chão de ideias que, guiado pelo mestre Mário Jorge Maninho, foi sendo tecido por muitos olhares e mãos. A cada criação de um roteiro para cena construído coletivamente, a cada mamulengo, em cada máscara artesanalmente produzida de papel machê, cada ciranda, canção e roda de teatro feita no meio da rua, esses/as jovens empoderavam-se no seu fazer que fortalecia suas existências. E é com toda essa utopia e rebeldia que me encontro como atriz,

como ser ou não-ser, que vejo a possibilidade de percorrer outros mundos e alçar outros voos.

Aqui voou ao encontro com o grupo *Balanço do Coqueiro*, que vem desse desejo de ser andorinha, de voar para outras experiências, para outros mundos. Isso porque tive a oportunidade, quando integrei a equipe técnica do CETRA, de acompanhar os grupos de arte e cultura em áreas de assentamento da Reforma Agrária, como educadora popular, onde foi possível meu deslocar-se e implicar-me, onde me vi com um sujeito inquieto — e me lançando em movimento, ao encontro, como nos ensina Romualdo Dias:

A inquietação faz com que ele esteja sempre inventando modos de promover outros movimentos de modo a sustentar seu próprio movimento, fundamental para permanecer vivo em seu trabalho. Neste modo de pensar, o educador tem uma percepção maior do quanto também depende da qualidade do vínculo que consegue estabelecer com o seu grupo, com os participantes ali envolvidos. (DIAS *in* BOFF, 2012, p.40)

O grupo está localizado na zona rural, Assentamento Maceió-Itapipoca-Ceará, e é composto por 11 integrantes, sendo 10 mulheres e 1 homem, que atuam no campo da arte, da produção agroecológica nos quintais produtivos, no grupo de beneficiamento do óleo e azeite de coco, nas farinhadas coletivas e familiares, na organização comunitária, nos movimentos de Convivência com o Semiárido e de luta por direitos nas dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais. Este grupo vem reinventado formas de vida através da arte a partir de diversas linguagens como a música, a dança, o teatro, a fotografia, o artesanato, dentre outros, em que nos debruçamos melhor sobre a experiência através do processo metodológico de sistematização.

O *Balanço do Coqueiro* nasceu da iniciativa da Associação Comunitária do Sítio Coqueiro que, através do projeto intitulado *Formando Cidadania Cultural* financiado pelo Banco do Nordeste, que proporcionou formações de danças e musicalidades para os jovens e adolescentes de 6 comunidades do Assentamento Maceió. A ideia do projeto era estimular o resgate e a sensibilidade de jovens pela cultura do Assentamento e oportunizar aos/às jovens as expressões artísticas comunicativas.

Dos desafios a serem enfrentados, os/as jovens elencaram a importância do fortalecimento da juventude rural no que se refere à identidade, ao protagonismo juvenil, à geração de renda e à sucessão rural. A arte se potencializa como uma

estratégia de organização social desses/as jovens para refletir sobre a identidade do campo, resgatar sua cultura e história de luta e perceber que a produção agroecológica é uma forma de vida, digna, justa e livre.

Os/as participantes do grupo são filhos e filhas de agricultores/as agroecológicos/as e participam da produção da família. Alguns instrumentos musicais do grupo foram construídos pelos/as próprios/as jovens, tais como as quengas de coco e cabaças, que são matéria-prima abundante na comunidade. As músicas, poesias e danças valorizam a cultura popular do território numa perspectiva de comunicar o bem viver, um novo olhar para o meio rural a partir da juventude. Os/as jovens também estão nos processos de produção e beneficiamento de alimentos como o coco, o caju e a mandioca — e são comercializados em feiras agroecológicas e solidárias do território, incentivadas pelo CETRA.

Com a participação em encontros, formações, oficinas e intercâmbios em temáticas sobre a Agroecologia, Convivência com o Semiárido e a Socioeconomia Solidária, o grupo tem potencializado a afirmação da identidade da juventude rural reconhecendo-se nas diferenças de classe, gênero, etnia, cultura, dentre outras, compondo suas experiências históricas concretas de jovens. As mobilizações sociais e articulações das juventudes do território são vivenciadas em espaços como o Grupo de Trabalho de Juventudes da Rede de Agricultores/as Agroecológicos/as do Território Vales do Curu e Aracatiaçu, no Fórum Cearense pela Vida do Semiárido através da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e no Grupo de Trabalho de Juventudes da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), dentre outros, os quais configuram-se como espaços de fala e de levantamento de demandas reais de políticas públicas para as juventudes em suas comunidades.

A experiência do *Balanço do Coqueiro* é multiplicada com outros grupos de jovens de comunidades limítrofes e vem se tornando referência no processo de organização social, cultural, política e econômica para as juventudes que vivem no meio rural. A disseminação se dá através dos intercâmbios e encontros realizados pelos movimentos sociais e culturais, já citados acima.

Olhando para a experiência sistematizada, surge uma pergunta geradora: *Em que medida a arte contribui para o protagonismo e permanência de jovens no campo?* Busco encontrar um caminho que possibilite a minha inclusão como atriz e educadora popular a compreender e refletir sobre a realidade dos/as jovens do

grupo *Balanço do Coqueiro*, nos aspectos relacionados ao protagonismo, à permanência no campo e ao papel da arte no fortalecimento de suas identidades.

Iniciativas e estudos anteriores nos processos de arte e cultura em assentamentos rurais, a exemplo do Projeto de Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA), através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA - CE), e pesquisas do teatrólogo, poeta, jornalista e etnógrafo Oswald Barroso, configura-se a relevância deste estudo, que se apresenta como uma ponte de diálogos, de visibilidade aos/às jovens atores e atrizes na construção da arte, cultura e vida digna no campo.

2 METODOLOGIA

Figura 02 – Imagem de satélite da comunidade Sítio Coqueiro - Assentamento Maceió - Itapipoca – Ceará - Brasil. Trilha da agrobiodiversidade construída no processo de sistematização e intervenção com os/as jovens do grupo *Balanço do Coqueiro* no Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.



Fonte: Google Earth (2019)

De acordo com o documento do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA), Maceió é uma área de assentamento da Reforma Agrária localizada no

município de Itapipoca-Ceará. Este pertence ao Território da Cidadania Vales do Curu e Aracatiaçu situado ao norte do estado do Ceará; o município possui uma área de unidade territorial de 1.600,358 km² e uma altitude de 108,7 m (IBGE, 2010). É delimitado pelas coordenadas geográficas de Latitude 03° 21' 42" S e Longitude 39° 49' 54" W, Oeste. O clima é tropical quente na região mais interiorana e tropical Atlântico quente próximo ao litoral, com pluviosidade média anual de 1.130 mm, com chuvas concentradas de janeiro a maio, segundo dados gerais divulgados no site da Prefeitura de Itapipoca (2020).

O Assentamento é fruto da luta pela terra que se deu na década de 1980 e está localizado na planície litorânea oeste do Ceará, distrito de Marinheiros, em Itapipoca, no Ceará, a cerca de 60 km da sede. Geograficamente, este assentamento rural tem uma área de 5.656,83 hectares, distribuídos em 12 comunidades: Apiques, Bom Jesus, Sítio Mateus, Córrego da Estrada, Barra do Córrego, Córrego Novo, Jacaré, Humaitá, Lagoa Grande, Sítio Coqueiro, Maceió e Bode. Os moradores locais têm seu modo de vida situado no cotidiano da agricultura, da pecuária, da pesca e do artesanato, todos de base familiar. A propriedade da terra é coletiva, mas dentro do assentamento as famílias podem utilizar áreas para trabalho individual (familiar). Outras áreas estão destinadas para os trabalhos coletivos e áreas de preservação da biodiversidade.

A terra foi conquistada pela luta ativa e permanente de trabalhadoras e trabalhadores rurais que, com seus corpos, gritos e movimentos romperam com as cercas dos latifundiários e resistem em defesa do território, por uma vida digna no campo. A comunidade Sítio Coqueiro, foco deste estudo, é uma das 12 comunidades do Assentamento e morada dos/as jovens do grupo *Balanço do Coqueiro*. Com 143 hectares e 32 famílias, a comunidade caracteriza-se por suas atividades agrícolas: cultura do coco, do caju, da mandioca e de diversas espécies nativas com bases agroecológicas.

O CETRA, desde a década de 1980, vem assessorando jurídica e socialmente os trabalhadores e as trabalhadoras rurais que se organizavam em suas comunidades em torno da luta pela posse da terra, apoiando a organização de mulheres rurais através do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE). O CETRA vem desenvolvendo assistência técnica de extensão rural aos/as jovens do grupo *Balanço do Coqueiro* desde 2010, através de processos de formação, oficinas, intercâmbios, encontros, dentre outros. É aqui que

convergem as histórias de vida e de arte do grupo *Balanço do Coqueiro* com minha história, mediante o processo de assessoria.

Considerando que ao pensar o processo de reflexão, eu como atriz implicada, se fez necessário um processo metodológico a partir da reflexão-crítica partindo do produto da sistematização de experiência e dos acúmulos construídos através do ATER.

Nesse sentido, e no momento em que convergem a história pessoal com a desse coletivo, apresento agora a metodologia utilizada neste estudo, que é a da sistematização de experiência, assumindo a necessidade de articulação entre teoria e prática na produção do conhecimento, com participação ativa e direta dos sujeitos e com a possibilidade destes compartilharem suas necessidades, anseios, valores e saberes, bem como interferir nos aprimoramentos metodológicos (HOLLIDAY, 2006). Com uma abordagem crítica e reflexiva sobre o próprio fazer, esta metodologia tem suas raízes e se ancora na educação popular, de modo que se trata não apenas de “catalogar”, “organizar” informações mas, sim, de ordenar os dados para a aprendizagem crítica e reflexiva a partir das nossas experiências. As experiências são dinâmicas em seus processos sociais e históricos, estão sempre em movimento, têm suas complexidades nos fatores objetivos e subjetivos que convergem. Destaca-se o processo vital e único da sistematização de experiência, em que se expressa a grandeza do acúmulo construído pelos sujeitos no processo, com seus elementos próprios e inéditos. Assim, podemos afirmar que:

A sistematização é aquela *interpretação crítica* de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionam entre si e porque o fizeram desse modo (HOLLIDAY, 2006, p.24).

O ponto de partida da sistematização organizou-se em oficinas que permitiram a construção da Cartografia Social realizada com sujeitos sociais da comunidade Sítio Coqueiro: jovens do grupo *Balanço do Coqueiro*, lideranças comunitárias, agentes de saúde, professores/as, agricultores/as, artesãs, técnicos agrícolas, CETRA entidade de ATER.

Para Pessoa *et al.* (2013), este método de mapeamento é um instrumento pedagógico, de reflexão e de diálogo das populações sobre as condições socioeconômicas dos seus territórios e de produção de conhecimento e saberes, olhando sobre as dimensões ambientais, sociais, culturais, econômicas, étnicas,

geracional etc. Afirma, ainda, que as técnicas participativas de construção da Cartografia Social contribuem com a partilha de conhecimento, partindo de problematizações críticas de atores e atrizes em seus territórios, nas quais se reflete e que fazem uma leitura crítica do território e suas relações.

Pulga (2014) ressalta que:

A metodologia participativa é aquela que permite a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, valorizando os conhecimentos e experiências dos participantes, envolvendo na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas; é uma forma pedagógica baseada no prazer, na vivência e na participação ativa em situações reais e imaginárias provocadas pela reflexão que faz os participantes construírem sentidos às situações concretas da vida (BRASIL, 2014, p. 129).

Desse modo, tivemos a sistematização de experiência do grupo *Balanço do Coqueiro* de forma participativa.

Figura 03 – Memória visual da oficina de Cartografia Social na comunidade Sítio Coqueiro – Itapipoca – Ceará



Fonte: Imagem registrada pelo educando do Curso Luís Eduardo Sobral (2019)

Este foi um processo no qual estive implicada como educanda do Curso Especialização/Aperfeiçoamento e como assessoria ao grupo através da política pública de ATER, realizada pelo CETRA, por meio de formações, reuniões, diálogos,

construções de conhecimento, afetos e de vida em arte. Na perspectiva de Barbier (2002), a implicação do pesquisador significa observar-se na estrutura social na qual se está inserido, no jogo de desejos e de interesses de outros e na compreensão de que este também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo, implicar-se e afetar-se. Segundo Prof. Romualdo Dias,

O verbo “implicar” significa tocar o corpo de cada um, mas no sentido de fazer o pensamento se articular com a emoção. Quando nos implicamos é desencadeado um movimento do corpo pelo fato de que roçamos os nossos limites, lidamos com nossas precariedades. Qualquer trabalho educacional que use este princípio da implicação faz com que o indivíduo comece a se relacionar com a dimensão da finitude, com a nossa morte; quando desenvolvida em ambiente de boa acolhida entre todos, tem força para nos fazer transformar o mundo e mudar nossas atitudes (DIAS *in* BOFF, 2012, p. 39).

Nesse sentido, a sistematização da experiência gerou como forma de compartilhamento um produto teatral, no qual foram incluídos saberes dos atores e atrizes locais como também as problematizações ali produzidas e suas reflexões de fundo, — expressas por meio da teatralidade, da música, da poesia e do movimento corporal, com o título “*O meu coco é a cor da minha gente*”. Este trabalho se constituiu de elementos poéticos e plásticos teatrais, trazendo reflexões críticas. Essas reflexões de fundo geraram outros questionamentos a serem aprofundados, aqui elencados nesta pesquisa, tal como: *em que medida a arte contribui para o protagonismo e permanência de jovens no campo?*

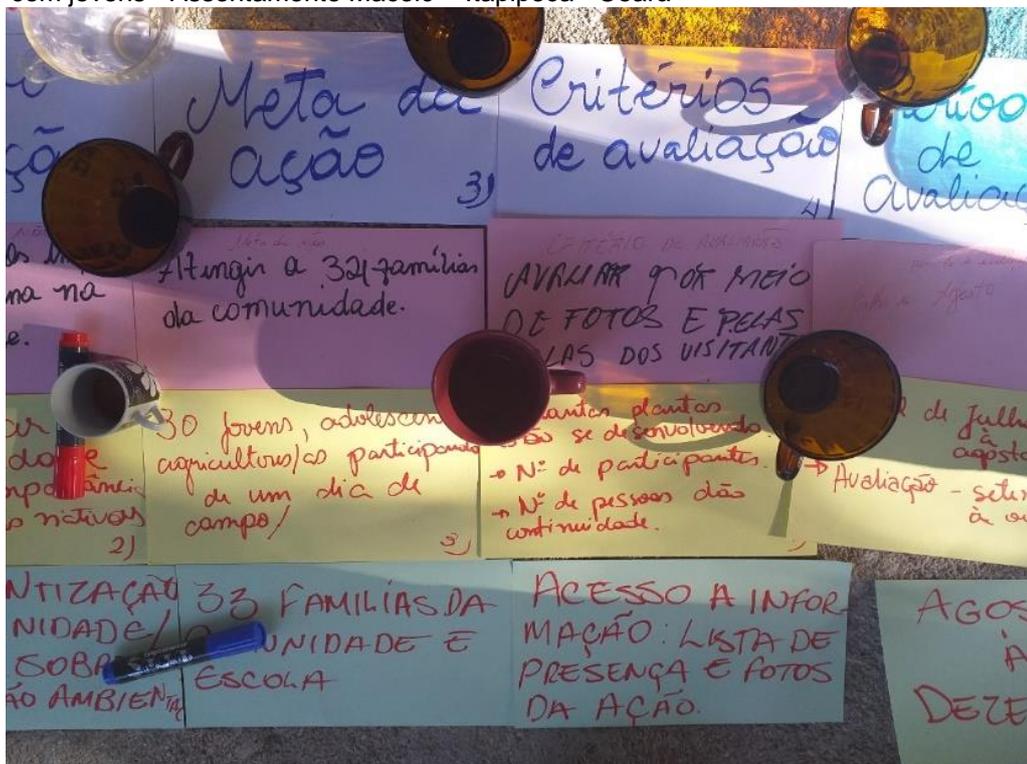
A *recuperação do vivido* da sistematização de experiência foi fundamentada no *Círculo de Cultura*, acessando materiais produzidos na sistematização de experiência pelos sujeitos, como canções, roteiros, poesias, relatórios, fotografias e documentos complementares.

Revisitar esses materiais produzidos, principalmente o roteiro teatral e os relatórios da sistematização, possibilitou elencar palavras geradoras, as quais foram organizadas e agrupadas, originando 3 temas que constituíram as reflexões e as problematizações deste estudo.

As “palavras geradoras foram codificadas e decodificadas buscando a consciência do vivido, na possibilidade de intervir criticamente sobre o processo sistematizado, de forma a despertar uma nova relação com a experiência vivenciada” (BRASIL, 2014, p. 74).

Este processo se potencializou em uma visualização criativa, que gerou uma autonarrativa tendo como referência os temas que emergiram das palavras e que trouxe possibilidades de um saber que se ancorou no percurso coletivo da sistematização de experiência, da historicidade e subjetividades dos sujeitos implicados. A narrativa oral foi por mim transcrita, problematizada, refletida e colocada em diálogo com outros autores e autoras, configurando-se nas reflexões de fundo. Os pontos de chegada são aprendizagens e reflexões desta pesquisa, ou seja, as considerações finais. Por fim, este processo metodológico partiu da sistematização coletiva, baseando-se nas produções e referências de jovens atores e atrizes na sistematização de experiência, mas buscando o aprofundamento necessário no tema a que me propus.

Figura 04 – Imagem da memória visual do planejamento participativo e *recuperação do vivido* com jovens - Assentamento Maceió – Itapipoca - Ceará



Fonte: Imagem registrada pela autora (2019)

3 REFLEXÕES DE FUNDO: Um olhar sensível à sistematização de experiência do grupo *Balanço do Coqueiro*

Mais uma estrada a percorrer, um caminho trilhado pelo desejo de compartilhar, cheios de afetos, afervorar-se. Assim, sinto que nos encontramos na travessia da arte, da transformação social, nas possibilidades de narrar nossas próprias histórias, de fazermos juntos. Olhar para a sistematização de experiência do grupo *Balanço do Coqueiro* dispara alguns questionamentos sobre a potência criativa de jovens do campo, a partir da qual me deparei com a simplicidade do fazer, do viver e de estar em arte. Algumas problematizações são levantadas: *em que medida a arte contribui para o protagonismo e permanência das juventudes no campo? Permanecer? Ficar? Criar?* Aqui a *permanência* não é o enraizamento estático desses sujeitos nos territórios: é possibilidade de viver no território, de transformar/criar novos mundos, de dialogar em seus territórios — *permanecer* é continuar existindo.

Juventudes: busca-se chamá-las assim por se apresentarem de forma plural e diversa e por considerar que se trata de experiências diversas de juventude, construídas em contextos e culturas diferentes, assim como pela compreensão distinta de tempo, lugar social, classe social, gênero, raça e etnia, dentre outras (VILAÇA *et al.*, 2018).

A migração de jovens do meio rural para o urbano dá pistas das motivações e do contexto — e tem possibilitado um debate nos movimentos sociais das juventudes do campo sobre o fortalecimento de jovens no processo de sucessão rural.

Assim, a construção de uma perspectiva agroecológica, pautada no respeito às diversidades e na garantia do protagonismo dos sujeitos do campo, pode e tem contribuído para a sucessão rural de maneira equilibrada. Nessa perspectiva, a participação e organização das juventudes são fundamentais na luta pela qualidade e o bem viver das juventudes em seus territórios (CENTRO SABIÁ, 2016, p. 62).

Quando observamos o pôr do sol, levemente somos levados para dentro da noite que, lentamente, vai consumindo nossa retina e ampliando nossa íris na busca por mais luz — e, de repente, nos deparamos com a poesia. Poesia da noite que nos afeta e imprime uma sensação concreta que se vislumbra, se virtualiza e nos traz as memórias antológicas, desperta nosso sensível. No entanto, como também no final de um trabalho realizado ou no final de um espetáculo cênico, somos levados a um certo ponto final, mas ao mesmo tempo com um início duradouro de

uma vivência, restando a afetação completa, que transborda, navega, flutua, mergulha a quem deixou afetar-se. É assim que considero o processo de sistematização de experiência com o grupo *Balanço do Coqueiro*: poesia em vida.

O interesse em aprofundar as questões acima levantadas me faz mergulhar no processo sistematizado, nas afetações — e saber que não existe ponto final: há potência no criar, que se transforma amorosamente, poeticamente. Experiência é vida, é existência, é a sutileza do pôr do sol. De acordo com as palavras de Ray Lima citado por Cruz (2018, p.24), na dissertação de mestrado *Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no Hotel da Loucura*:

A arte que a gente tem produzido é uma arte que se confunde com a nossa própria existência, com a nossa luta por uma vida digna, por uma vida de qualidade. A cenopoesia vai nascendo dessa forma, que se faz a partir da busca por relações de qualidade, onde a gente costuma dizer que: a qualidade do que a gente produz está diretamente relacionada à qualidade das relações que a gente estabelece com o outro. Então, às vezes você pode ter um produto muito bonito, mas o processo que levou a chegar nesse produto bonito não foi tão bonito assim: ele massacrou alguém ou o ambiente. Eu acho que a qualidade daquilo que a gente produz tem a ver também com a forma como se produz essa arte, com a intenção que a gente produz essa arte. A serviço de quê e de quem está a arte que a gente produz? Assim como qualquer outro conhecimento, como por exemplo: a serviço de quem a ciência está? Por isso a arte da gente está ligada a isto: à vida em ato, como a gente costuma dizer (LIMA apud CRUZ, 2018, p.24).

Os/as jovens do grupo se dispuseram a fazer da sistematização de experiência um ato de vida e poesia: todo processo foi desenhado, cantado, poetizado por um desejo de fazer juntos, de falar sobre suas próprias vidas. E é nesse *afetar-se* que se construíram as reflexões de fundo, o desejo de aprofundar — e que me põe a pensar a arte não como mero “instrumento”, “ferramenta”, mas como *princípio* para as transformações de vida e visões de mundo de cada jovem da experiência, de suas existências. Ray Lima nos faz refletir sobre a arte, nesse trecho cenopoético:

Aqui a cena faz tchan!!!
 e começa por mim o espetáculo
 o homem-não-arte não sente não vê
 não dá importância ao homem-arte
 mas o homem-arte olha
 observa estuda absorve transforma absolve
 transumaniza o homem-não-arte

justo aí eu existo
 o espetáculo

e se vestem de arte sem delírio
 os que artem sem saber os que não artem

se pintam de mártires os que se matam
 se escondem nas máscaras os mandarins
 se cingem de máculas serafins

uma ideia a contraideia
 ação intriga conflito
 uma ação um conflito
 uma ação um conflito
 conflito conflito conflito
 infinitas vezes assim (LIMA, 1994, p. 15).

O espetáculo “*O meu coco é a cor da minha gente*” serve como disparador da reflexão-ação deste estudo, na procura de atualizar esse afeto, ver outros mundos, outras potencialidades criativas — criando e recriando ideias, busca-se uma certa compreensão sobre em que medida a arte contribui para o protagonismo e permanência das juventudes no campo, a arte costurando novos caminhos a serem trilhados para fazer a travessia, *se transformando nos transformando*.

Aqui nos debruçaremos nos 4 temas advindos das *palavras geradoras* e ancorados na proposta do *Círculo de Cultura*.

3.1 Participação das Juventudes nos Movimentos Sociais

A Educação Popular se constitui na organização de base dos movimentos sociais, tendo como debates a luta por direitos humanos, luta de classe, por uma vida digna no campo e na cidade, visando principalmente a transformação social e a emancipação dos sujeitos. Na experiência do grupo *Balanço do Coqueiro* evidenciam-se as potencialidades das juventudes quanto à participação em movimentos sociais, na luta pela Reforma Agrária, pelos direitos humanos e pela vida digna no campo.

No território Vales do Curu e Aracatiaçu, a cultura indígena tem uma forte permanência e destaca-se até os dias de hoje, por ser local histórico dos aldeamentos, principalmente da etnia Tremembé. Segundo Martins (2008), os indígenas Tapuia-Tremembé, notáveis pela sua valentia e força, conseguiram permanecer por muito tempo nas praias realizando o processo de resistência dos povos do litoral.

Como retrato do multiculturalismo territorial, as comunidades quilombolas também são presentes na região, vindas na época do ciclo da cana e do gado para o trabalho nas fazendas — e hoje estão localizadas na região serrana do município de Itapipoca. “A fazenda desorganizou a vida das tribos por meio da domesticação dos padres, da escravidão dos *negros da terra*, forçando ao regime de pastoreio, e do extermínio ou *limpeza da área*” (MARTINS, 2008, p. 53). E ainda observamos:

O território marcado pela disputa da terra, principalmente a partir do final da década de [19]70 com o estabelecimento de empresas agroindustriais financiadas pela Sudene que se instalaram em áreas secularmente habitadas pelo povo Tremembé e por trabalhadores/as rurais. A mobilização social, étnica e política teve o apoio de missionários e Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), além da assessoria da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Na década de 1980 a luta pela terra se deu de forma mais violenta, inclusive com o assassinato de agricultores (CETRA, 2014, p. 73).

As histórias de vida dos/as jovens e de suas famílias se funde com a história de luta e resistência do Assentamento Maceió. Brevemente, o Assentamento é terra conquistada, fruto da luta ativa e permanente de trabalhadoras e trabalhadores rurais que, com seus corpos, gritos e movimentos romperam com as cercas dos latifundiários e resistiram em defesa do território, por uma vida digna no campo. Esta juventude nasce no berço da luta de base popular, conhecendo a história do seu lugar por meio das lideranças comunitárias, fortemente expressas na voz viva e ativa da oralidade. São jovens estimulados/as pelo sentimento de pertencimento implicando no fortalecimento identitário e comunitário.

Nazaré Flor¹ em depoimento citado em Mulato (2004) registra que a luta pela terra iniciou na década de 1960 com o golpe militar, mas também impulsionou diversos movimentos populares — e que em Itapipoca houve a organização do Círculo Operário, sendo que um dos núcleos do Círculo estava presente na comunidade Maceió. Também destaca-se na trajetória de luta do Assentamento a forte presença do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste.

¹ Nazaré Flor foi uma liderança, poeta, feminista, trabalhadora rural e referência de luta, que do Assentamento Maceió chegou a ir até a China, em 2005, e deixou publicado o livro de poemas **Canção e Poesia** (2002). “A história do assentamento Maceió é permeada pela história da criação do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE), do qual Nazaré Flor foi uma das fundadoras. A terra conquistada é uma das vitórias do movimento que tem no empoderamento feminino seu maior legado” (in https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/03/politica/1556895207_173258.html)

A participação de jovens nos espaços de debates sobre Agroecologia e de Convivência com o Semiárido também contribuiu com o sentimento de pertencimento, com um novo olhar das juventudes sobre o meio rural, afirmando a identidade como jovens agricultores/as. Os mesmos têm representatividade no Grupo de Trabalho de Juventudes da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), envolvidos/as com a formação de base da Pastoral da Juventude e movimentos de arte e cultura na cidade de Itapipoca. Desta maneira, a organização e participação desses/as jovens da comunidade Sítio Coqueiro é notória nos movimentos sociais em âmbito territorial, regional e nacional. Estão empoderados/as dos seus direitos, de suas histórias e reconhecem o importante papel das juventudes nesses espaços.

Reafirmando que “A nossa ousadia é o campo e a cidade na luta pela agroecologia”, as diversas juventudes presentes no IV ENA destacaram que se mantêm articuladas e mobilizadas em suas diversidades, aglutinando estratégias de luta e participação frente as problemáticas vivenciadas (ANA, 2018, p. 38).

Na sistematização, as bandeiras de lutas são reveladas simbolicamente na apresentação de camisas de encontros, de campanhas, de grupos e movimentos sociais, já elencados anteriormente. Essa diversidade de espaços ocupados pelas juventudes revela, além da participação, a construção de suas identidades, sua sensibilidade e potências criadoras. Situa essas juventudes como detentores de suas próprias histórias, de forma compartilhada e com destaque na dimensão cultural e artístico-criativa e reflexiva.

No roteiro teatral, as camisas de lutas surgem apresentando a participação das juventudes em movimentos sociais e suas principais reivindicações, construídas na perspectiva da cenopoesia, que propõe o diálogo com a amorosidade — e, de pano de fundo, cria a ambiência da sonoridade do afeto e da simbologia das bandeiras de luta por direitos, de forma crítica e dialógica. Ray Lima (BRASIL, 2014) revela que a cenopoesia se traduz como um espaço dialógico, caracteriza-se como uma linguagem articulada com outras, dando espaço para uma linguagem única, aberta e viva. Desse modo, destrava as relações de poder entre o teatro, música, poesia, dança, artes plásticas e outras formas de expressão.



Fonte: Arquivo da autora (2019)

A militância também requer amorosidade, leveza, cuidado, porque está perto do coração e se desenha para as transformações sociais e subjetivas, num sentimento de esperar, como apresenta os/as jovens na sistematização com trecho da ciranda:

*“Perto do Coração, aqui mesmo!
 ESCUTA, meu amor!
 Desenha um sol pra mim,
 Ciranda meu amor,
 Se lembra que a cidade é lenda
 E que eu nem sei contar
 E a nossa rua acorda uma canção feliz.”²*

3.2 Juventudes e as Relações de Gênero

² Autoria de Ângela Linhares, letra da *Ciranda do Escuta* produzida e registrada no CD Jongueiros Guerreiros Novos do Grupo Escuta de teatro e de música - Espaço Cultural Frei Tito de Alencar-ESCUA.

A sistematização de experiência evidenciou a organização das mulheres rurais do Assentamento como sujeitos ativos no processo de organização social, nos processos de produção da agricultura familiar, fortalecendo a luta das mulheres, materializando-se no direito à fala, à terra, à água, ao território, ao acesso às políticas públicas, no empoderamento, na luta e autonomia, na prática do cuidado e amorosidade, nos saberes descolonizados e ecológicos (JAIL *et al.*, 2017).

As mulheres do Assentamento Maceió, como dito anteriormente, têm forte presença no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, que tem apoio do CETRA e vem construindo diálogos sobre a autonomia das mulheres rurais.

Portanto, no Assentamento Maceió, o CETRA articulando-se a outros setores sociais como MMTR-NE inicia processos formativos junto às mulheres em que são discutidas questões relacionadas ao corpo reprodutivo da mulher, à condição conjugal e familiar, à autonomia e empoderamento político etc. Além da articulação a nível local, esse espaço político possibilitou às mulheres a articulação das agendas locais com aquelas nacionais e internacionais... (CAMURÇA, 2013, p. 78).

Maria de Nazaré de Souza, Nazaré Flor como é conhecida, filha do Assentamento Maceió, uma das fundadoras do MMTR-NE e vanguardista no processo emancipatório das mulheres trabalhadoras rurais como já nos referimos em nota neste trabalho, é símbolo de luta das jovens mulheres que buscam incessantemente acabar com a violência e qualquer tipo de opressão contra as mulheres.

A sistematização revelou as influências das mulheres da comunidade e dos movimentos de mulheres nas criações artísticas realizadas pelo grupo *Balanço do Coqueiro*. Os/as jovens afirmaram a importância do processo formativo realizado pelo CETRA através do Projeto *Juventude Comunica Direitos*, financiado pela cooperação internacional União Europeia, em 2015, no qual se proporcionou a realização de um intenso processo de formação em arte, cultura e comunicação com os/as jovens do grupo *Balanço do Coqueiro*, culminando em duas criações artísticas: “Flor do meu quintal” e “Um toque de renda”, com a temática das relações de gênero no campo e do direitos das mulheres.

O espetáculo cênico “Flor do meu quintal”, de 2015, homenageou a feminista Nazaré Flor, trouxe o contexto de luta e resistência pelo direito à terra do

Assentamento, onde os/as jovens fizeram uma fusão do momento histórico da comunidade e a arte vivenciada por eles/as na contemporaneidade com seus tambores, ritmos, composições e poéticas, no qual propõem a luta juvenil pela Reforma Agrária e pelos direitos das mulheres.

Figura 06: Imagem da apresentação “Flor no Meu Quintal” do grupo *Balanço do Coqueiro*, no lançamento do documentário “Terra de Nazaré” na comunidade Apiques - Assentamento Maceió – Itapipoca - Ceará



Fonte: Arquivo CETRA, 2019.

Já na obra cênica intitulada “Um toque de renda”, de 2016, as relações de gênero e feminismo são novamente apresentados, mas trazendo o debate mais aprofundado pelo grupo. A renda de bilro, artesanato que comumente é realizado pelas mulheres da comunidade, ganhou destaque na composição dos figurinos e mostrou o trabalho duro, dedicado e sensível das mulheres rendeiras, que os/as jovens revelam em suas vozes: “Mulher, vem fazer a tua história! Mulher, vem aqui se organizar!”³.

Ambas as obras possibilitaram ao grupo pensar nas relações de gênero construídas no território, buscar as histórias de mulheres do Assentamento, suas canções, relatos de vida e onde se trouxe novas reflexões sobre a homofobia, a liberdade de decidir sobre seu corpo, paternalismo, machismo e o patriarcado

³ Trecho de uma canção de Nazaré Flor, inspiração para criação da obra artística “Um toque de renda”.

enraizado nas construções sociais, que atualmente são pautas propostas pelas juventudes do campo e da cidade. Assim também foi relatado pelo grupo no processo de sistematização.

Não diferentemente, na sistematização fruto deste estudo “O meu lugar tem a cor da minha gente”, retorna o debate sobre o feminismo e as relações de gênero — desta vez, reverenciando suas ancestrais, as lavadeiras de roupa, refletindo e valorizando o trabalho da mulher camponesa sem perder a poesia, a mulher e a produção agroecológica. A construção cênica é um acúmulo das duas criações citadas e em que vem se irradiando o poder de fala de cada jovem mulher, como nos mostra a escolha a poesia “Mulher e a produção” de Nazaré Flor:

Quem diz que a mulher não participa
Da produção econômica do país
Está errado, não vê a realidade:
Basta escutar o que este canto diz.

A mulher vai à roça todo dia,
Volta meio dia para o almoço preparar;
À tarde volta novamente ao seu roçado,
Lembrando o gado e o preparo do jantar.

Na sua roça produz o que precisa
Para o país ter boa alimentação:
Cultiva o milho, a batata, a melancia,
Arroz, maxixe, macaxeira e o feijão.

O algodão para o nosso vestuário
Se faz bem caro após a fabricação,
Mas sua fonte nasce do mesmo trabalho:
É necessário sua valorização.

Se todo homem tem trabalho e energia
E todo dia tem uma boa produção,
Sua mulher passa o dia na cozinha:
Em toda linha tem sua participação.

Na escola faz tudo por seus alunos,
Cuida do ensino cumprindo o seu dever:
Orientando e educando com carinho,
Faz de tudo pra este Brasil crescer.

E na saúde, atendente ou secretária,
Em toda área participa mui contente.
É impossível um trabalho neste mundo,
Por mais profundo, sem a mulher estar presente!

Por tudo isso tenho profunda certeza
E a clareza do que o meu canto diz:
Que sem MULHER não existe produção,
Sustentação aos destinos de um País!
(SOUZA, 2002, pp. 26-27)

Um fato curioso, é que as canções de Nazaré Flor estão presentes em todas as obras artísticas construídas pelo grupo *Balanço do Coqueiro*, por ser uma força feminina pulsante do local e no cotidiano do Assentamento Maceió. As jovens contam que Nazaré é fonte de inspiração para continuar a luta pelos direitos igualitários entre homens e mulheres, suas canções estão vivas em seus corpos. Também refletem sobre novas relações de gênero: “*Quem disse que homem não pode fazer renda? Quem disse que apenas homens e experientes que podem assumir as rédeas da comunidade?*” (trecho extraído do roteiro teatral da sistematização).

A juventude quer debater gênero nas escolas, implementar a política de sucessão rural, defender territórios livres de agrotóxicos, aprofundar suas experiências de agricultura urbana, criar territórios livres de machismo e LGBTIfobia e consolidar suas autonomias. Tudo isso será construído a partir da inovação no diálogo entre as expressões culturais, entendendo que nossas solidariedades políticas se construirão de forma criativa com a cara da irreverência e radicalidade das juventudes (ANA, 2018, p. 39).

Jail (2017) reforça que não é raro identificar famílias do meio rural cuja estrutura destitui mulheres e jovens do poder, não só de decidir, mas de fazer, participar somente de atividades que o homem não considere importante ou que nunca venha participar, a exemplo da renda de bilro, expressões poéticas e culturais e/ou trabalhos considerados “femininos”.

Na experiência, as juventudes invertem os valores e colocam-se no avanço de liderar uma comunidade, pensar em mulheres e homens livres e que vivam numa sociedade mais igualitária, justa, livre, ambos com suas subjetividades, gêneros e direitos respeitados. Na Carta Política do IV ENA, as mulheres “...ênfatisam a necessidade da construção de um feminismo plural que incorpore as lutas antirracistas, antiLGBTIfóbica e anticapitalista na defesa de democracia e dos direitos historicamente conquistados” (ANA, 2018, p. 27).

As relações de gênero dos/as jovens são relações e são observadas com amorosidade, em um movimento do afeto, cuidado e acolhimento, mas percebendo que as relações de gênero continuam determinando as possibilidades de permanência no campo. Mesmo as jovens mulheres sendo maioria nas instituições de ensino, a sucessão do trabalho rural por parte dos pais está depositada nos jovens homens (NASCIMENTO et al, 2016).

O grupo tem se apresentado nas escolas públicas, nas comunidades rurais, escolas do campo, encontros territoriais, dentre outros espaços. Desse modo, desenvolvem um franco processo de autonomia estimulando outros e outras jovens de comunidades limítrofes a se envolverem nas questões ligadas aos direitos da mulher e em defesa da Agroecologia. Nesses momentos, procuram estimular discussões acerca de problemáticas e de questões sociais, estimulando a reflexão crítica e o envolvimento dos participantes que passam a protagonizar a ação e propor alternativas de resolução dos problemas identificados.

Quanto mais se problematiza os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafios, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com os outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, a cada vez mais desalienada (FREIRE, 2005, p.80).

3.3 Juventudes e Agroecologia

Nos últimos anos a expressão da juventude rural no Território dos Vales do Curu e Aracatiaçu, com toda a riqueza multicultural, tem sido crescente por meio de mobilizações sociais dos movimentos de Agroecologia, de Convivência com o Semiárido e de relações igualitárias de gênero, através da Rede de Agricultores/as Agroecológicos/as e Solidários/as dos Vales do Curu e Aracatiaçu e do Fórum Cearense pela Vida no Semiárido, como foi relatado pelos/as jovens.

Esses/as jovens têm se articulado em redes, grupos diversos de sementes e produção de mudas, beneficiamento da produção do óleo de coco e da farinha, gestores de casa digitais, grupos culturais e artísticos, e ainda participam de espaços de comercialização autogestionários, como a feira de agroecológica e solidária de Itapipoca. A experiência destaca-se como uma das expressões deste movimento e fortalecendo estratégias de viver e produzir no campo com dignidade.

Os/as jovens da comunidade *Sítio Coqueiro* participam da produção agrícola da família; esta por sua vez, de base agroecológica, caracteriza-se por produzir em pequenas áreas, com trabalho de base familiar buscando autonomia, através de tecnologias sociais, nos seus agroecossistemas de forma integrada e diversificada, com base no autoconsumo familiar e na construção do conhecimento — e comercializando em feiras agroecológicas ou na própria comunidade. Para Petersen

(2017), o agroecossistema é uma expressão material de estratégias conscientes de famílias e comunidades na apropriação de uma unidade da paisagem com vistas a reproduzir seus meios e modos de vida.

Desta forma, a Agroecologia se torna uma estratégia, disputando espaço contra o agronegócio, para processos de resistências:

Analisada em conjunto, essas estratégias localizadas de resistência e luta se revelam como poderosas forças sociais por meio das quais a agricultura camponesa permanece se reinventando e se projetando para o futuro. Sua vitalidade sobrevém de cotidianos alimentados pela criatividade popular na busca de soluções locais para problemas que se manifestam globalmente, dentre os quais se destacam a insegurança alimentar e nutricional, a deteriorização da saúde coletiva, a degradação e a poluição ambiental, os efeitos das mudanças climáticas, o desemprego, a pobreza, a erosão cultural e a violência em todas as suas formas de expressão (PERTESEN, 2017, p. 10).

Os quintais produtivos agroecológicos definem-se como tecnologia social de Convivência com o Semiárido, fazendo-se valer pelos processos de experimentações de agricultoras e agricultores. Assim:

Os Quintais Agroecológicos são compreendidos como tecnologia social de acesso e manejo produtivo da terra, das águas, das sementes, da diversidade produtiva dos sistemas agrícolas e do jeito de fazer das comunidades dos territórios Vales do Curu e Aracatiaçu e Sertão Central do Ceará. É um mecanismo fundamental para promover a sustentabilidade da agricultura familiar como estratégia para: (i) reduzir os riscos econômicos e sociais que ocorrem em razão de fatores internos e externos e da própria instabilidade climática do Semiárido; (ii) incrementar a produtividade global da propriedade; (iii) garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias; (iv) proporcionar incremento de renda; (v) promover o resgate das culturas tradicionais locais; (vi) estimular a experimentação e autogestão pelos grupos envolvidos; e (vii) promover a inclusão de gênero e juventude com a participação efetiva desses segmentos (LEONEL, 2010, p. 11).

Na experiência sistematizada, a relação dos/as jovens com os *quintais* significa um "...espaço das conversas entre vizinhos. Lugar de sementeira, tanto de sementes de plantas quanto de afetividade, de amizades, que fortalecem o corpo e o espírito. É também um lugar de significados, lembranças, brincadeiras, acolhimento e vida" (LEONEL, 2010, p.12). Os espaços de beneficiamento da mandioca, do coco, do caju e do urucum nos mostram o quanto o trabalho de produção agroecológica está inserido em seu cotidiano e nas relações familiares, que são despertadas com a participação efetiva das juventudes e mulheres na produção, o que torna essa experiência valiosa para pensar outras formas de vida, outras relações, criar e inventar outros mundos.

O coco é um fruto abundante na área na região litorânea do território (MULATO, 2004) que dá sustento a várias famílias agricultoras, na comunidade Sítio Coqueiro. Do fruto são feitos o óleo, o azeite, o leite, a cocada, o dindim, a tapioca com coco, bolos, há ainda o coco verde e seco — tudo que o coqueiro dá pode ser beneficiado e utilizado pelas famílias agricultoras e pelas juventudes.

Nesse sentido, muitas pessoas passam os dias a quebrar o coco, a ralar o coco, não apenas com as mãos, mas com todo o corpo. O trabalho cotidiano de transformar o coco em leite, em óleo, em alimento não é uma tarefa fácil: exige experimentações desses/as jovens agricultores/as para melhorar a forma de beneficiar o produto, tudo realizado coletivamente. A atividade torna-se infinitamente mais prazerosa e ao mesmo tempo mais fluida e produtiva quando esses/as jovens cantam, dançam e jogam conversa no quintal, como foi identificado na sistematização e nos revela o trecho do Cordel produzido pelo jovem Arildo Soares (2019), parte da criação do roteiro cênico:

Mão de obra, obra de mão
 Se precisa todo dia
 No preparo e no cultivo
 Pode ter a garantia
 Melhora a alimentação
 Arte e revolução
 Se mistura que alegria

Um grupo de beneficiamento
 Com arte e percussão
 Artesanato rendeira
 Só mistura boa, meu irmão
 Nos juntamos pra trabalhar
 O produto processar
 Pra começar a transformação

Do alto vem o produto
 Muito bem utilizado
 Dindim, doce e cocada
 Que delícia que agrado
 O Óleo é essencial
 O Azeite sensacional
 Pois faz um bem danado (SOARES, 2019)

É importante lembrar que no ano de 2010 havia cerca de 8 milhões de jovens no campo, o que representa 27% da população rural do país (IBGE, 2010); a falta de políticas públicas de Reforma Agrária, educação, saúde, lazer e cultura e trabalho

empurram a cada dia o/a jovem do campo para o êxodo rural. Juventude rural está fortemente ligada ao problema de migração do campo para a cidade, onde a ideia de jovens desinteressados/as pelo campo e com forte interesse de se firmar na cidade. Porém, o que vemos na experiência do grupo *Balanço do Coqueiro* nos dá pista das motivações e interesses de permanência no campo, ainda que com muitos desafios e limites do contexto a que se aplica.

Nesse sentido, temos a Agroecologia e a Convivência com o Semiárido como forte aliado para pensar outras formas de vida para as juventudes do campo. O Semiárido toma uma simbologia importante para além das características de clima e solo. São dimensões simbólicas, culturais, sociais, políticas, na busca de construir uma participação social, de mobilização e envolvimento dos/as jovens integralmente, como protagonistas em garantir outras existências dignas e saudáveis.

Nesses espaços de diálogos em redes, fóruns e grupos de trabalho, que segundo os/as jovens, têm sido importantes para o fortalecimento de suas identidades e de possibilidades de manter suas ideias e reflexões sobre suas vivências nas comunidades rurais.

A juventude anuncia a urgência do rompimento da falsa dicotomia entre campo e cidade, compreendendo que só a unidade entre as resistências conseguirá produzir um novo paradigma para a produção de alimentos e para o campo brasileiro (ANA, 2018, p.39).

3.4 A arte como potência criadora de novos mundos

O *Balanço do Coqueiro* mostra que além do cultivo, da colheita e do preparo dos alimentos, das relações familiares fortalecidas, de gênero e de geração, a arte e a cultura vêm contribuindo com novas visões e práticas entre pessoas e natureza. Esse novo olhar, um novo querer, um novo fazer são protagonizados pelos/as jovens.

Pensar a Cultura e a Comunicação na Agroecologia é repensar nossa história, tendo como princípio as perspectivas apresentadas pelos povos indígenas, quilombolas, povos tradicionais de matriz africana, povos de terreiro e comunidades tradicionais. Isso é colocar em primeiro plano a perspectiva destes povos. A comida, a espiritualidade, a música, a ornamentação e as bioestruturas, construídas neste IV ENA, são expressões das práticas culturais cotidianas dos povos e nos apontam

modos distintos de viver e de se relacionar com os lugares e pessoas (ANA, 2018, p 37).

O teatro, a dança, a música, as poesias são reverberadas por esses corpos, que são receptíveis, que criam, reinventam, transmutam: a arte logra ligar-nos ao nosso inconsciente, nossa percepção mais profunda, mas também sem perder os elos que nos atam uns aos outros. A arte é algo que está na vida, são corpos em presença. “O ator não interpreta, ele é. Ele não expressa nada, mas simplesmente é com plenitude. A busca dessa plenitude, desse estado presente, desse ser...” (BURNIER, 2009, p .149).

Figura 07: Imagem da apresentação da sistematização da experiência no encontro Regional de Educação Popular e de Convivência com o Semiárido em Sobral - Ceará



Fonte: Arquivo da educanda (2019).

No roteiro criado, apresenta-se a riqueza cultivada nos quintais das juventudes, a quenga do “coco” foi incorporada como instrumento musical, materializa-se o contato com a terra, com as relações com a natureza e a inventividade de produção do som. O “coco” é fruto, é alimento, mas também vira instrumento musical, gera som, produz ritmo, compõe a dança, corpo e poesia. Na arte do *Balanço do Coqueiro*, o “coco” é símbolo e matéria viva de suas criações em arte, permeia-se como fonte inspiradora na produção da vida cotidiana e na criação de outras realidades. Nos ensina Wong-Um que:

Na alma criativa do artista faz-se a alquimia de todas as culturas. Sem planejar diretamente, sem calcular, sem saber o certo no que vai dar. Mas sempre enraizado na voz de Todos. Há um canal misterioso, que ciência e reflexão teórica explicam muito pouco, entre a obra singular dos artistas e as ricas dinâmicas vivas de uma cultura — feita de muitas e muitas vontades, desejos, matérias, percursos, caminhos, construções etc. (BRASIL, 2014 p. 180).

A arte, a cultura e a educação popular também se aliam como potências da experiência, com a participação em movimentos sociais, as relações de gênero, a cultura, a ancestralidade, a diversidade e os demais temas trazidos pelos/as jovens. O roteiro escolhido e compartilhado baseia-se na experiência de vida, valorizando seus saberes, sua cultura, empoderando a si mesmos/as e à sua comunidade. Na técnica apresentada, a representação permitiu retratar acontecimentos humanos e sociais (BRECHT, 1967) e refletir para construir um mundo que desejam e problematizando seus caminhos percorridos, mas com um olhar sempre no esperar.

Suas verdades são dançadas e poetizadas, carregam a identidade e pertencimento do lugar, como nos revela o texto produzido pela jovem Barbara Maria Alves (2019) na *sistematização da experiência* compartilhada:

Um lugar, várias vidas, várias vistas

Um lugar, uma árvore, muitas raízes

É neste lugar que fincamos nossos pés como raízes, afins de alimentar o cerne de nossas lutas diárias. O meu lugar é memorial dos que resistiram, dos bravos que nos educaram, das mãos que plantam e cultivam este chão.

O meu lugar é palco de gente trabalhadora, de mulheres aguerridas que além do cultivo, das farinhadas, de suas almofadas, onde o som melódico dos bilros se misturam com o balançar do coqueiro e trançar da palha, ainda estudam e arranjam tempo para ir à rua gritar: PAREM DE NOS MATAR!

De homens fortes que lutam lado a lado com suas companheiras e de jovens que buscam e tentam quebrar paradigmas: *Quem disse que homem não pode fazer renda? Quem disse que apenas homens e experientes podem assumir as rédeas da comunidade?*

Nós fazemos parte de uma geração que brincou até tarde no terreiro uns dos outros, passou a manhã nos córregos ajudando a mãe com as roupas, que não perde o costume das conversas de calçadas, que ama festa junina e ama mais ainda o café da titia nas tardes de domingo.

O meu lugar tece histórias de resistência desde a luta pelo chão que habitamos, guarda com zelo e sabedoria a ancestralidade das rezadeiras, sua religiosidade e a necessidade de estar sempre em família.

O meu lugar é o meu Sítio Coqueiro, o meu coco é a cor da minha gente!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As juventudes do campo compostas pelo grupo de arte e cultura *Balanço do Coqueiro*, que realizou conosco esse estudo vivido e reflexivo, numa imersão profunda de suas práticas e formas de viver e recriar seus mundos, subsidiou-nos em perceber em pormenor a riqueza dos processos de Educação Popular, de arte em vida. Olhar para este estudo é olhar as relações amorosas construídas por muitas mãos e corpos, aqui colocamos no lugar do *inacabado*, sem perder a notória construção do conhecimento compartilhado.

O estudo parte da minha narrativa implicada no processo de construção do roteiro teatral sistematizado e o acúmulo através da assessoria técnica mediante o trabalho no CETRA. A sistematização de experiência é um olhar crítico- reflexivo buscando a aprendizagem como maior compromisso para auxiliar as transformações sociais, de desafios e limites que se apresentam, mas também de avanços.

Um aprendizado importante que também se coloca como desafio para a sociedade é o de dar voz às juventudes que são sujeitos do território: eles/as, como ninguém, vivenciam cotidianamente os desafios e os limites de permanecerem no campo. A experiência nos dá pistas e fortalece, no sentido de buscar estratégias e ações que podem ser desenvolvidas para promover a vida das juventudes no campo. Sendo assim, outro desafio importante diz respeito à construção de diálogos diretos e participativos com esses sujeitos, a fim de qualificar o processo de ações para as juventudes do campo, assim como pensar políticas públicas no campo da educação, cultura, lazer, saúde, trabalho, dentre outras.

Quanto aos elementos que se apresentam como avanços, destacam-se o protagonismo da juventude e o fortalecimento da identidade com o campo, que favorecem a permanência dos/as jovens no campo, sobretudo a partir da capacidade de se organizar comunitariamente, efetivando a participação das juventudes em espaços decisórios e articulando-se nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil. O aprendizado que se apresenta é o de garantir a participação das juventudes e suas capacidades organizativas na comunidade, assim contribuindo com o seu empoderamento e na luta pelos direitos, na implementação de políticas públicas para as juventudes e em favor da efetivação do Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural.

Evidencia-se que nas comunidades que desenvolvem a produção agroecológica e a Convivência com o Semiárido reflete-se como alternativa a possibilidade dos/as jovens de permanecerem no campo, desde que sejam sujeitos de suas histórias, com autonomia e solidariedade.

Outro potencial que se mostra é a metodologia utilizada, ou seja, o processo de sistematização de experiência como foco na Educação Popular, onde os/as participantes atuam como *sujeitos* e não como *objeto* — e isso qualifica os resultados na perspectiva da continuidade. A Educação Popular assegura o diálogo no processo da construção do conhecimento, empodera o território e os sujeitos, que problematiza e propõem soluções para si mesmos/as e para o poder público.

Ao CETRA coube o papel de, como potência no trabalho desenvolvido de assessoria técnica, na valorização das juventudes e de mulheres rurais, primando pelas relações de gênero e geracionais, com foco na Agroecologia e na Convivência com o Semiárido e no fortalecimento do protagonismo e das identidades juvenis. Oferece também apoio a este estudo e ao Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Este estudo representa apenas alguns passos para realizar ações com as juventudes rurais, a fim de superar o êxodo rural e promover a sucessão rural no território implicado, olhando para as dimensões políticas, sociais, culturais, econômicas, sem perder a sutileza da arte, da poesia, da vida.

Por fim, observa-se que a arte contribui para o protagonismo e permanência de jovens no campo, sendo ela, potência para construir modos de resistências, dialogando com o pertencimento identitário de jovens. A arte é essência para a criação de novos mundos, mola de estímulos para criar e recriar, fazendo parte do íntimo, do intrínseco de cada jovem, mas engajada e enraizada com o coletivo, com seus desejos, desafios e realidades, foram aprendizados que acompanharam este estudo. Também se apresenta, como capaz de possibilitar aos jovens rurais de desempenhar o protagonismo em seus territórios, realizando a incidência, e exercendo o direito de escrever e expressar suas histórias.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANA. Articulação Nacional de Agroecologia. **Carta Política do IV ENA - Encontro Nacional de Agroecologia: agroecologia e democracia unindo campo e cidade.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 2018.

BARBIER, René. **A pesquisa ação.** Tradução de Lucie Dídio. Brasília: Liber Livro Editora, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão e Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de Educação Popular em Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRECHT, Bertold. **Teatro dialético.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral.** Rio de Janeiro: Mar de Ideias: Animus Anima, 2012.

BURNIER, Luís Otávio. **A arte de ator: da técnica a representação.** 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

CAMURÇA, Andrea Machado. **Mulheres e Agroecologia: possibilidade para a sustentabilidade local da Comunidade Bom Jesus, Assentamento Maceió, Itapipoca/CE.** 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceara, Fortaleza, 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CETRA. Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador. **Políticas Públicas e transmissão agroecológica no Brasil: reflexões a partir de estudos de caso.** Fortaleza: CETRA, 2014.

CRUZ, Nicole Nunes da. **Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no Hotel da Loucura.** 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

DANTAS, Vera Lúcia Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza**. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.

ESCUA - Espaço Cultural Frei Tito de Alencar. **Jongueiros Guerreiros Novos do Grupo Escuta de teatro e de música**. Fortaleza [S.l.: S.n]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1juULXR6E9I>, acesso em 24 de abril de 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção leitura).

_____. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução de: Maria Viviane V. Resende. 2ª Ed. Revista – Brasília: MMA, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> acesso 23 setembro de 2016.

JAIL, Laetícia Medeiros et al. **Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste**. 1ª ed. Recife, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEONEL, Junia Conceição. **Quintais para a vida: agroecologia e convivência com o semiárido**. Fortaleza: CETRA, 2010.

LIMA, Ray. **Ultrapassagens**. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 1994.

LONDRES, Flavia; PERTESEN, Paulo; MARTINS, Gustavo (org.). **Olhares Agrocológicos: Análise econômico-ecológica de agroecossistemas em sete territórios brasileiros**. ANA - Articulação Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017.

MARTINS, Mônica Dias. **Açúcar no Sertão: a ofensiva capitalista no Nordeste do Brasil**. São Paulo: Annablume. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2008.

MCCABE, Mary Alice (Org.). **A nossa Luta foi uma Luta Sagrada: O povo do assentamento Maceió conta a história da sua luta pela terra.** Fortaleza: Instituto Terramar, 2015.

MULATO, Raimundo Edmundo. **Caracterizando o perfil atual do assentamento Maceió: Análise histórica e um enfoque nos recursos naturais.** 2004. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino de Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, 2004.

NASCIMENTO, Erika et al. **Juventude e permanência no campo: reflexões das juventudes rurais sobre possibilidades, limites e desafios.** 1^a ed. Recife: Centro Sabiá, 2016.

PESSOA, Vanira Matos et al. **Sentidos e métodos de territorialização na atenção primária à saúde.** Rev. Ciência e Saúde Coletiva, v. 18, p. 2253-2262, 2013.

Prefeitura Municipal de Itapipoca. **Dados Gerais.** Disponível em: http://www.itapipoca.ce.gov.br/index.php?st=info&cod_info=1/, acesso 29 de julho de 2020.

ROSSI, Marina. Uma semente chamada Nazaré Flor. **El País**, Itapipoca, 05 de maio de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/03/politica/1556895207_173258.html, acesso em 01 de julho de 2020.

SOUZA, Ana Inês. et al. **Paulo Freire: vida e obra.** 3^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SOUZA, Maria Nazaré de. **Canção e poesia.** Fortaleza: Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador/ CETRA, 2002.

TORRES, Rosa Maria (Org.). **Educação Popular: um encontro com Paulo Freire.** São Paulo: Editora Loyola, 1987.

VILLANÇA, Mônica et al. **Economia Solidária, mulheres e juventudes: caderno pedagógico.** (Coletânea Educação Popular e Economia Solidária) Olinda: MXM Gráfica e Editora, 2018.